Universidades Lusíada

Matos, Margarida Gaspar de, 1956-

Prevenção da violência interpessoal em meio escolar : os professores, as famílias e a comunidade também marcam uma diferença?

http://hdl.handle.net/11067/88
https://doi.org/10.34628/ds0k-3b13

Metadados

Data de Publicação 2010

Resumo O objectivo do presente estudo foi a análise dos comportamentos de violência em alunos de escolas públicas em Portugal e identificação e caracterização de grupos em função do tipo e do seu maior ou menor envolvimento em comportamentos violentos. Foram utilizados os dados provenientes da base de dados portuguesa da HBSC, Health Behaviour in School-Aged Children (HBSC). A amostra (representativa nacional) é constituída por 11008 adolescentes do 6.º, 8.º e 10.º ano (idade média = 14 anos, DP 1,897)...

Palavras Chave Violência na escola - Portugal, Violência na escola - Prevenção - Portugal, Lar e escola - Portugal

Tipo article

Revisão de Pares Não

Coleções [ULL-IPCE] RPCA, n. 01 (2010)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-26T05:59:29Z com informação proveniente do Repositório

http://repositorio.ulusiada.pt

PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA INTERPESSOAL EM MEIO ESCOLAR: OS PROFESSORES, AS FAMÍLIAS E A COMUNIDADE TAMBÉM MARCAM UMA DIFERENÇA?

Margarida Gaspar de Matos, PhD[a]

Abstract. The purpose of this study was to analyse behaviours associated with violence in public schools in Portugal and to identify and characterize groups according to the type and impact of violent behaviour. The database of the Portuguese HBSC study was used comprising 11008 pupils from two nationally representative samples, 2002 and 2006. Those pupils attended the 6th, 8th and 10th grade (mean age = 14, SD 1,897), including 50.4% girls. After standardising variables related to interpersonal violence, three clusters were formed corresponding to the situations "no involvement", "involvement without guns" and "involvement with guns".

From 2002 to 2006, there was a significant increase regarding the number of students not involved in violent situations. The girls and the older students are the less involved in violent situations, regional differences were found, as well as differences at a school level, with some schools characterized with a non violent involvement and, in another way others where violence is more intense and frequent.

Considering a gradient from "no involvement" to "involvement carrying a weapon", there is evidence of a growth regarding violence associated with the use of substances, the time spent with friends in the evenings, the dislike of school, missing school, relationship with the teachers and neighbours, distance regarding the communication with parents. However, concerning health perception and physical symptoms perception, the extreme situations of "no involvement" and "involvement carrying a weapon" seem both to be associated to a good health perception. Carrying a weapon, in students previously involved in violent situations, seems to improve the psychological well being. The consequences of this fact regarding preventive interventions are discussed, namely the need to find alternative ways to help pupils to deal with interpersonal violence without the urge to learn to be violent or carry weapons.

---

[a] FMH / Universidade Técnica de Lisboa – Portugal, CMDT/IHMT/UNL - Portugal
mmatos@fmh.utl.pt

* A autora agradece à Equipa Aventura Social e às Instituições Financiadoras (em www.aventurasocial.com).

Key words: personal and social competence, participation, autonomy, violence, school ethos

Resumo. O objectivo do presente estudo foi a análise dos comportamentos de violência em alunos de escolas públicas em Portugal e identificação e caracterização de grupos em função do tipo e do seu maior ou menor envolvimento em comportamentos violentos. Foram utilizados os dados provenientes da base de dados portuguesa da HBSC, Health Behaviour in School-Aged Children (HBSC). A amostra (representativa nacional) é constituída por 11008 adolescentes do 6.º, 8.º e 10.º ano (idade média = 14 anos, DP 1,897) de onde 50.4% raparigas, que responderam a um questionário relativo a uma série de comportamentos, crenças e atitudes no âmbito da saúde. Esta amostra engloba dois estudos HBSC em 2002 e 2006).

Após estandardização das variáveis relativas à violência foram formados três grupos correspondentes às seguintes ocorrências associadas à violência interpessoal: *sem envolvimento, envolvimento sem uso de armas e envolvimento com uso de armas*. De 2002 para 2006 aumentou significativamente o número de alunos sem envolvimento em situações de violência. As raparigas e os alunos mais velhos envolvem-se menos em situações de violência. Verificam-se diferenças regionais e mesmo a um nível "escola" identificando-se escolas que se distinguem pela ausência de violência e outras pela sua abundância.

Considerando um gradiente desde "sem envolvimento", passando por "envolvimento sem uso de arma", até "envolvimento com porte de arma", verifica-se uma regularidade de crescente de violência associada ao consumo de substâncias, saídas à noite com os amigos, falta de gosto pela escola, faltas à escola, má relação com os professores, distância na comunicação com os pais, mau ambiente na zona de habitação. No entanto, no que respeita à percepção de sintomas físicos e psicológicos, tanto o caso de não envolvimento, com o de envolvimento com porte de arma parecem mais associadas a uma boa percepção de saúde. Tudo se passa como se a posse de arma aparecesse, em alunos com antecedentes de convívio com situações de violência, como um agente securizante. As implicações preventivas desta ocorrência são discutidas, nomeadamente a necessidade de encontrar formas alternativas de ajudar os alunos a lidar com a violência entre pares, sem recurso à aprendizagem da própria violência ou ao porte de arma de defesa.

Palavras-chave: competência pessoal e social, participação, autonomia, violência, ambiente na escola

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O fenómeno "Bullying" é um subgrupo de uma violência mais geral. Tem a ver com dinâmicas de exclusão social, de discriminação, de dificuldade na resolução de conflitos verbalmente, e de um modo inadequado (violento) de lidar com a ansiedade e com a frustração. Está muito ligado ao (in)sucesso escolar, à (in)adaptação escolar, às dificuldades de comunicação interpessoal., às dificuldades

de gestão de conflitos, às dificuldades de auto-controlo e à percepção do meio escolar como permissivo ou negligente em matéria de violência (Matos, 2005).

A família, a escola e o grupo de pares são contextos da maior relevância na prevenção dos comportamentos violentos durante a infância e adolescência. Se estes factores configurarem ausência, negligência ou conflitualidade e/ou se aparecerem associados a condições de desvantagem económica (e também fracas condições de habitação, dificuldades de acesso à educação, desemprego, etc.), a probabilidade de emergência de problemas na criança e no adolescente aumenta significativamente (Mash, 2006). A conjugação destes factores com a exposição a acontecimentos de vida negativos (traumáticos) pode ainda vir agravar as condições de desenvolvimento favorecendo o aparecimento de perturbações. Quando se somam com polaridade negativa características pessoais, familiares, escolares e interpessoais, a situação configura um ambiente pluri e multi-riscos. Do ponto de vista da intervenção, o foco numa comunidade educativa segundo esta quádrupla perspectiva (os alunos, as famílias, os professores e educadores e os amigos/colegas) pareceu a proposta adequada, face aos estudos reportados na última década em Portugal (Matos, 2005; Matos & Sampaio, 2009; Matos et al, 2009; Simões et al, 2008).

ESCOLA

A escola é um contexto privilegiado para a promoção da saúde, numa perspectiva de desenvolvimento e de bem-estar pessoal e social dos jovens (GTES, 2005; 2007). A escola é um local privilegiado no desenvolvimento de ferramentas que ajudem os jovens na utilização de estratégias de convívio com diversas situações e desafios (Frydenberg, 2008), nomeadamente na relação com o insucesso escolar, com as dificuldades de adaptação à escola e com as dificuldades de regulação do comportamento pessoal e social. Segundo Roth e Brooks-Gunn (2000), os estudos têm mostrado que os alunos com insucesso escolar apresentam maiores níveis de comportamento anti-social.

COMUNIDADE

As relações de vizinhança podem providenciar apoio e encorajar a participação activa dentro da comunidade assim como aumentar a competência social de crianças e jovens. O capital social existe nos laços sociais entre as pessoas e incluí relações fortes com um grupo restrito de pessoas (*bonding*) e relações mais superficiais com grupos alargados (*bridging*) (Morgan, 2007). Importante na construção do capital social é o sentimento de coesão no local de residência e na

escola (Kawachi et al, 1999; Putnam, 1993) uma vez que o capital social reforça e é reforçado por um sentimento de confiança, pertença e participação social (Poortinga, 2006) tanto na escola (ou local de trabalho) como na comunidade.

As actividades extracurriculares, o voluntariado e os tempos livres fora da escola são importantes formas de estreitamento das ligações do jovem à comunidade que, assim, pode desenvolver as suas competências de liderança e tomada de decisão, aumentar o sentimento de pertença e obter apoio social dos adultos (Brooks, 2006; Matos, 2009).

VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Os amigos são uma fonte inestimável de capital social na infância e na adolescência mas, justamente neste período, algumas relações interpessoais com o grupo de pares são marcadas por um aspecto de regulação conflitual que, ao invés de as colocar ao nível da protecção do bem-estar, as coloca como um risco para a saúde e bem-estar pessoal e relacional.

Roth e Brooks-Gunn (2000) chamam a atenção para um conjunto de aspectos relevantes no contexto de pares e que podem exercer uma influência positiva ou negativa no desenvolvimento de comportamentos agressivos: amizade; resistência à pressão de pares; interesses no dia a dia; modelos sociais, equilíbrio ente risco e apoio e associação com pares desviantes.

Na escola, a maior parte dos agressores e das vítimas são rapazes (Matos et al, 2000; 2003; 2006; Matos, Simões, Negreiros & Gaspar, 2008) apresentam um baixo rendimento escolar e uma atitude e envolvimento escolar negativos, apresentam dificuldades de auto-controlo e um grande envolvimento em conflitos. Os alunos mais novos são mais frequentemente vítimas sendo que com a idade a frequência diminui. Por vezes, verifica-se um "duplo envolvimento", isto é a adopção de um papel de agressor ou um papel de vítima consoante a situação.

Uma das questões que se tem recentemente procurado compreender é de que modo se podem diferenciar os alunos que, apesar de não directamente envolvidos em actos de provocação, podem ter um papel de relevo na gestão desses conflitos. Estes adolescentes, também denominados de "*bystanders*" (observadores), presenciam os acontecimentos adoptando uma posição passiva. Nestes episódios, foram recentemente caracterizados, entre as vítimas e os seus ofensores, outros alunos que podem tomar uma posição activa (defensores), tentado ajudar as vítimas, ou outros que, pelo contrário, tentam incentivar os agressores (incentivadores) (Olweus, 2003; Samivalli, 2001).

O HBSC – HEALTH BEHAVIOUR IN SCHOOL-AGED CHILDREN

O HBSC – Health Behaviour in School-Aged Children é uma investigação periódica (levada a cabo de quatro em quatro anos) sobre comportamentos de saúde em meio escolar que envolve uma rede de países, incluindo Portugal, e tem o patrocinio da OMS (Organização Mundial de Saúde). O estudo abrange alunos do 6º, 8º e 10º anos. As recolhas de dados em que Portugal esteve envolvido ocorreram nos anos de 1998, 2002, e 2006 (Matos *et al*., 2001, 2003, 2006). O estudo HBSC de 2010 está em curso.

Os resultados deste estudo sugerem que cerca de 20% dos adolescentes foram vítimas de violência e cerca de 20% assumem que foram agressivos. Cerca de 25% referiram-se simultaneamente como vítimas e como agressores. Ainda segundo este estudo, a provocação intensa (mais de duas vezes por semana nos últimos dois meses) diminuiu de 2002 para 2006, invertendo assim a trajectória crescente de 1998 para 2002., tendo aqui mais peso a diminuição do número de alunos vítimas de provocação. O estudo do HBSC tem ainda mostrado que os adolescentes envolvidos em *bullying,* seja como agressores seja como vítimas, apresentam vários aspectos em comum, por exemplo ao nível dos sintomas físicos e psicológicos.

De um modo geral, os dois grupos referem que quase todos os dias se sentem nervosos, irritados, deprimidos, com medo, exaustos e cansados, têm dificuldades em adormecer, e têm dores de cabeça e de costas. Também ambos os grupos referem que não gostam da escola. Apesar de ambos os grupos apresentarem alguns problemas com os amigos, este aspecto é mais evidente no grupo das vítimas. Estas referem mais frequentemente que não é fácil fazer amigos, que não podem contar com os amigos quando querem desabafar, que os amigos não se preocupam com o que eles sentem, que os amigos não tentam ser compreensivos quando eles estão zangados, que os colegas não os aceitam, que se sentem sozinhos e infelizes. Este grupo apresenta ainda problemas com a sua imagem corporal. Por outro lado, no grupo dos agressores, destacam-se outros aspectos relacionados com a família e com outros comportamentos de risco. Mais especificamente, os agressores referem fraca supervisão dos pais em relação aos seus comportamentos. De modo geral, uma significativa parte deles refere que os pais sabem pouco sobre os locais onde estão depois das aulas, como gastam o dinheiro, o que fazem no tempo livre e onde vão sair à noite. Um outro aspecto fortemente associado aos comportamentos de provocação é o consumo de substâncias. Uma parte significativa destes adolescentes diz que fuma todos os dias, que já se embriagou várias vezes e que já experimentou drogas ilícitas, concretamente haxixe e estimulantes. De salientar ainda que uma parte significativa diz que não tem pena dos outros quando lhes acontecem coisas más (Simões & Carvalho, 2009).

São diferentes as percepções de pares, pais e professores acerca das características das vítimas de *bullying* e dos seus agressores. Muitos jovens sentem compaixão pelas vítimas de *bullying* mas nem sempre isto se traduz numa acção com vista a prevenir ou remediar (a maior parte dos jovens limita-se a observar a situação, por não ter nada a ver com isso ou para se proteger).

O objectivo da presente análise foi o estudo dos comportamentos de violência entre alunos de escolas públicas em Portugal e a identificação e caracterização de grupos em função do tipo e do seu maior ou menor envolvimento em comportamentos violentos e verificação dos seus correlatos psico-sociais e ambientais.

MÉTODO

Amostra

A amostra é constituída por adolescentes Portugueses que participaram no estudo Health Behaviour in School-aged Children (HBSC). Questionários anónimos foram aplicados nas escolas aleatóriamente seleccionadas em 2002 e em 2006 de acordo com o protocolo do estudo (Currie, Samdal, Boyce, & Smith, 2004; Matos et al, 2006: Matos et al., 2003; 2006).

A presente amostra é constituída por 11008 adolescentes do 6.º, 8.º e 10.º ano (idade média = 14 anos, DP=1,897), distribuídos igualmente por ambos os géneros (50,4% de raparigas) e proporcionalmente pelas cinco regiões educativas de Portugal continental. Esta amostra engloba pois dois estudos HBSC, em 2002 e 2006.

Instrumento

O questionário HBSC foi elaborado pelos membros da rede internacional. Este instrumento, de auto-relato, inclui além das questões demográficas, duas questões sobre o *bullying e outras duas relacionadas com violência*: (1*) Quantas vezes tomaste parte em provocações a outros estudantes, neste período lectivo? (2) Quantas vezes foste provocado na escola, neste período lectivo, (3) quantas vezes estiveste envolvido numa luta no último ano e (4) quantas vezes andaste com uma arma nos últimos 12 meses?*.

O questionário é ainda constituído por questões socio-demográficas (p.e. idade, e género) e variáveis relacionadas com a escola e a saúde, consumo de tabaco e álcool, actividade física, nutrição, sintomas de saúde física e psicológica, relação com a escola e com os professores, relação com a família, ambiente da zona de habitação e apoio social. É possível encontrar no relatório internacional (Currie et al., 2004) uma descrição completa e detalhada do instrumento e das suas qualidades psicométricas.

Procedimento

Em ambos os episódios de recolha de dados, o questionário requereu cerca de 55 minutos para preenchimento e foi administrado nas salas de aula pelos professores (foram dadas uma série de instruções estandardizadas aos docentes). A participação dos alunos foi voluntária e anónima, os alunos, após preenchimento do questionário, inseriam-no num envelope que foi fechado pelo último aluno a terminar. O processo de distribuição e recolha do questionário foi realizado por correio. O estudo obedeceu às normas habituais de investigação com crianças menores e teve revisão de pares de um grupo do Conselho Consultivo Nacional (em www.aventurasocial.com), de uma Comissão de Ética e da Comissão Nacional de Protecção de Dados.

Resultados

Após estandartização das quatro variáveis relativas a situações de violência, para obtenção de ZScores, realizou-se um *KCluster* (SPSS 18.0) onde se obteve três grupos que foram identificados como correspondendo às situações "sem envolvimento" em nenhuma das quatro situações (N= 7674, 73,8%) , "envolvimento sem porte de arma" (N= 2169; 20,9%) e "envolvimento com porte de arma" (N= 558, 5.4%).

A utilização do teste de Qui-quadrado evidencia uma diminuição significativa do envolvimento nestas situações de violência entre 2002 e 2006 (X^2 = 19,21 (2) p<.001). com uma diminuição do envolvimento com porte de arma, de 5.6% para 5.1%; do envolvimento sem arma de 22,3% para 19% e um aumento do não envolvimento de 72,1% para 75,9%. A utilização do teste de Qui-quadrado evidencia ainda uma diferença significativa do envolvimento nos casos de violência entre rapazes e raparigas (X^2 = 596,53 (2) p<.001) com um menor envolvimento das raparigas na violência com porte de arma (1,4% para 9,6% nos rapazes); menor envolvimento sem arma (15,6% para 26,4% nos rapazes) e um maior não envolvimento (83% para 64%% nos rapazes). A utilização do teste de Qui-quadrado evidencia ainda uma diminuição significativa do envolvimento nos casos de violência com a evolução na escolaridade (X^2 = 216,71 (4) p<.001), uma vez que nos mais novos é menos frequente o não envolvimento (70,1% no sexto ano de escolaridade, 70,8% no oitavo ano e 81,8% no décimo ano)

No Quadro 1 pode analisar-se a distribuição dos alunos pelos diferentes agrupamentos face a situações de violência, em função da Região. Verifica-se que há diferenças significativas (X^2 = 40,769 (8), p<.001) sugestivas de uma situação agravada na zona de Lisboa e Vale do Tejo e menos agravada na zona Norte.

Quadro 1. **Tabela de distribuição dos alunos nas três tipos de violência interpessoal por REGIÃO**

		Não envolvimento	Envolvimento com armas	Envolvimento sem armas	Total
Norte	N % Residual ajustado	3423 **75,8%** **4,2**	211 4,7% **-2,7**	879 19,5% **-3,0**	4513 100,0%
Liaboa e Vale Tejo	N % Residual ajustado	2201 **71,2%** **-3,8**	202 6,5% **3,4**	687 22,2% **2,3**	3090 100,0%
Centro	N % Residual ajustado	1279 73,5% -,3	75 4,3% **-2,1**	387 22,2% 1,5	1741 100,0%
Alentejo	N % Residual ajustado	389 **69,7%** **-2,2**	45 8,1% **2,9**	124 22,2% ,8	558 100,0%
Algarve	N % Residual ajustado	382 76,6% 1,4	25 5,0% -,4	92 18,4% -1,4	499 100,0%
Total	N	7674	558	2169	10401

Diversos comportamentos e situações associados ao risco e à protecção da violência interpessoal (consumos, ligação com a escola, comunicação com a família, ligação com os amigos, zona de morada, percepção de saúde, bem estar físico e mental) foram analisados e comparadas as suas médias através de uma Análise de Variância, após sua conversão em Zscores (Quadro 2). A descrição completa das questões que deu origem a estas variáveis está disponível em Matos et al, (2002, 2006).

Quadro 2. **ANOVA de diversas e situações e comportamentos associados à protecção e ao risco em função da pertença a um dos grupos / tipo de envolvimentos em situações de violência**

		N	Media	DP	F	Sig
Embriaguez	Não envolvimento envolvimento sem armas envolvimento com armas	7597 2142 551	-,101 ,048 1,125	,879 ,989 1,589	429,610	,000
Consumo drogas Drogas	Não envolvimento envolvimento sem armas envolvimento com armas	7109 1999 504	-,093 -,024 1,299	,734 ,902 2,409	524,092	,000
Consumo tabaco	Não envolvimento envolvimento sem armas envolvimento com armas	7610 2137 552	-,067 ,016 ,780	,922 ,988 1,500	195,074	,000
Percepção de competência na escola	Não envolvimento envolvimento sem armas envolvimento com armas	7611 2152 553	,018 -,030 -,043	,976 1,017 1,164	2,775	,062

Quadro 2. ANOVA de diversas e situações e comportamentos... (Cont.)

		N	Media	DP	F	Sig
Gosto pela Escola	Não envolvimento	7624	,100	,933	210,758	,000
	envolvimento sem armas	2151	-,160	1,066		
	envolvimento com armas	555	-,697	1,188		
Amigos depois da Escola	Não envolvimento	7555	-,054	,986	77,312	,000
	envolvimento sem armas	2125	,046	1,015		
	envolvimento com armas	549	,476	,950		
Amigos à noite	Não envolvimento	7588	-,112	,861	398,897	,000
	envolvimento sem armas	2139	,071	1,070		
	envolvimento com armas	549	1,057	1,463		
Justiça dos professores	Não envolvimento	7485	,041	,990	30,692	,000
	envolvimento sem armas	2112	-,076	1,013		
	envolvimento com armas	540	-,257	1,019		
Ajuda dos professores	Não envolvimento	7506	,058	,966	72,680	,000
	envolvimento sem armas	2106	-,099	1,044		
	envolvimento com armas	541	-,421	1,135		
Faltas à escola	Não envolvimento	3431	-,079	,893	87,882	,000
	envolvimento sem armas	853	,079	1,042		
	envolvimento com armas	224	,782	1,561		
Dor de cabeça	Não envolvimento	7536	-,018	,981	6,367	,002
	envolvimento sem armas	2123	,065	1,042		
	envolvimento com armas	544	,043	1,067		
Dor de costas	Não envolvimento	7493	-,049	,962	37,802	,000
	envolvimento sem armas	2102	,127	1,065		
	envolvimento com armas	542	,203	1,134		
Tristeza	Não envolvimento	7469	-,072	,942	84,357	,000
	envolvimento sem armas	2102	,232	1,108		
	envolvimento com armas	541	,152	1,128		
Mau humor	Não envolvimento	7491	-,086	,941	119,905	,000
	envolvimento sem armas	2106	,267	1,090		
	envolvimento com armas	542	,222	1,154		
Nervosismo	Não envolvimento	7500	-,058	,968	60,114	,000
	envolvimento sem armas	2112	,198	1,050		
	envolvimento com armas	545	,135	1,097		
Bom convívio na zona onde mora	Não envolvimento	5908	,041	,936	21,621	,000
	envolvimento sem armas	1492	-,078	1,106		
	envolvimento com armas	446	-,229	1,272		
Zscore Segurança na zona onde mora	Não envolvimento	5947	,017	,989	6,112	,002
	envolvimento sem armas	1501	-,041	1,024		
	envolvimento com armas	448	-,132	1,071		
Distância na comunicação com o pai	Não envolvimento	6954	-,008	,975	17,701	,000
	envolvimento sem armas	1919	,102	1,058		
	envolvimento com armas	488	-,174	1,086		
Distância na comunicação com a mãe	Não envolvimento	7210	-,037	,957	24,996	,000
	envolvimento sem armas	1998	,126	1,094		
	envolvimento com armas	485	,125	1,157		

O gradiente das médias dos vários comportamentos e situações nos três grupos correspondentes aos três tipos de envolvimento em violência revela sempre diferenças significativas com excepção da percepção de competência escolar onde a significância da ANOVA excede o considerado habitualmente (p>.05). Uma análise do Quadro 2 revela ainda dois tipos de perfis no que diz respeito à evolução ao longo dos três grupos: por um lado há um conjunto de comportamentos associados aos consumos, à relação com os colegas, à relação com a escola, à relação com os professores, à relação com os pais, ao ambiente da zona onde moram, que aparecem agravados com maior envolvimento em violência tomando em consideração este gradiente "não envolvimento – envolvimento sem armas – envolvimento com porte de armas", este perfil sugere uma recta ascendente, quanto mais frequente o comportamento associável ao risco (ex: consumo de álcool ou tabaco) ou menos frequente o comportamento associável à protecção (ex: professores que ajudam ou que tratam com justiça), mais agravado o tipo envolvimento com a violência.

Pelo contrário, um outro perfil se desenha em variáveis relacionadas com a percepção de saúde e o bem-estar físico e psicológico, onde o grupo mais agravado parece ser o grupo intermédio (o envolvimento sem porte de armas), nestes casos este perfil sugere um U invertido com uma situação agravada no grupo com envolvimento intermédio com a violência (envolvimento sem arma).

Agrupando os alunos em dois grupos "Não envolvimento em situações de violência" e "envolvimento em situações de violência" (juntando aqui o envolvimento com e sem porte de arma), foi feito um estudo das distribuição destes grupos pelas 134 escolas do pais incluídas no estudo (52 escolas da zona Norte, 43 na zona Lisboa/Vale do Tejo, 25 na zona Centro, 7 no Alentejo e 7 no Algarve), considerando cada região separadamente. Através da medida do Qui-quadrado, com apuramento dos residuais ajustados, foi possível identificar 22 escolas (16,4%) em todo o pais que significativamente se distinguiram pelo maior envolvimento em situações de violência por parte dos seus alunos, e 17 escolas (12,7%) que se distinguiram significativamente pelo baixo envolvimento em situações de violência (em todos os casos correspondendo a residuais ajustados superiores a 1,9).

Considerando as escolas por região verifica-se que na região Norte e no Algarve o número de escolas do grupo "não violento" (8 e 1 respectivamente) excede o número de escolas do grupo "violento" (6 e 0 respectivamente), ao passo que na zona Centro, Lisboa /Vale do Tejo e Alentejo o número de escolas do grupo "violento" (8, 5 e 3 respectivamente) excede o número de escolas do grupo "não violento" (4, 2 e 2 respectivamente).

Foi por fim levada a cabo uma análise de regressão logística tentando explicar a condição "Não envolvimento em situações de violência" através das variáveis independentes consideradas na anterior ANOVA, controlando a idade e o género.

Quadro 3. **Regressão logística predição do estatuto de Não envolvimento em situações de violência, a partir de um conjunto de variáveis de ordem pessoal e social, estandartizadas (ZScores).**

	B	E.P.	Sig	OR	95%IC de	95% IC a
Género (masculino)	1,200	,107	**,000**	3,319	2,690	4,095
Idade	,264	,028	**,000**	1,302	1,232	1,376
Embriaguez	-,166	,053	**,002**	,847	,763	,940
Consumo de drogas	-,162	,059	**,006**	,850	,758	,955
Consumo de tabaco	,024	,063	,704	1,024	,905	1,159
Capacidade escolar percebida	-,044	,048	,365	,957	,871	1,052
Gosto escola	,164	,051	**,001**	1,178	1,065	1,303
Amigos depois aulas	-,065	,051	,201	,937	,849	1,035
Noites com os amigos	-,125	,053	**,018**	,882	,795	,979
Justiça do professor	,090	,049	,067	1,094	,994	1,204
Apoio do professor	,109	,047	**,022**	1,115	1,016	1,224
Faltar às aulas	-,120	,053	**,023**	,887	,800	,984
Dores de cabeça	-,069	,053	,187	,933	,842	1,034
Dores de Costas	-,092	,049	,064	,913	,828	1,005
Tristeza	-,254	,060	**,000**	,775	,690	,872
Mau humor	-,056	,062	,362	,945	,837	1,067
Nervoso	-,239	,059	**,000**	,787	,701	,884
Bom convívio zona habitação	,103	,043	**,017**	1,109	1,018	1,208
Segurança na zona habitação	,060	,048	,213	1,061	,966	1,166
Distância Pai	-,153	,057	**,007**	,858	,768	,959
Distância Mãe	-,114	,052	**,029**	,892	,806	,989
Constante	-2,994	,398	,000	,050		

Obteve-se um modelo ajustado (Hosmer e Lemeshow X^2 = 9,737 (8) p=.284) e a equação de regressão explicou 21% da variância (Nagelkerke R^2 =0,21) e 96% dos casos de não envolvimento. Neste modelo a explicação da condição de "não envolvimento em situações de violência" faz-se pelas variáveis género (raparigas com uma probabilidade 3,3 vezes maior de estar neste grupo), idade (mais velhos mais frequentemente); menos embriaguez e menos consumo de drogas, menos saídas à noite com os amigos, menos faltas à escola, mais apoio dos professores, mais gosto pela escola, menos frequentemente triste, menos frequentemente nervoso, melhor convívio na zona onde mora e menos distância em termos da facilidade de falar com o pai e com a mãe.

DISCUSSÃO

O objectivo do presente estudo foi pois aprofundar a compreensão sobre os comportamentos de violência entre alunos de escolas públicas em Portugal e identificar e caracterizar grupos em função do tipo e do seu maior ou menor envolvimento em comportamentos violentos e seus correlatos pessoais e psico-sociais e ambientais.

De 2002 para 2006 aumentou significativamente o número de alunos sem envolvimento em situações de violência. As raparigas e os alunos mais velhos envolvem-se menos em situações de violência. Verificam-se diferenças regionais.

Considerando um gradiente de "sem envolvimento", a "envolvimento sem uso de arma" e "envolvimento com uso de arma" verifica-se uma regularidade de crescente de violência associada ao consumo de substâncias, saídas à noite com os amigos, falta de gosto pela escola; faltas escola, relação com os professores, ambiente na zona onde moram, no entanto no que diz respeito à percepção de sintomas físicos e psicológicos, tanto a situação de não envolvimento, com a de envolvimento com porte de arma aparecem, como se acabou de verificar mais associadas a uma boa percepção de saúde.

No presente estudo, o perfil de gradiente em relação às variáveis relacionadas com a percepção de bem-estar físico e psicológico sugere que o porte de armas (canivetes, tesouras, X-actos) aparece em alguns alunos como uma estratégia securizante no convívio com situações de violência.

Por outro lado estima-se que em 16.4% das escolas há um maior convívio com situações de violência e em 12,7% das escolas há um quase inexistente convívio com a violência. Este facto demonstra por um lado que a violência " problemática" ocorre num número reduzido (embora sempre preocupante) de escolas, por outro lado que é possível identificar ao "macro-nível" escola, boas e más vivências e práticas em relação à violência.

Em relação à *"responsabilidade ambiental da escola"* na prevenção da violência, as medidas preventivas têm pois que incidir sobre as próprias escolas, enquanto contextos ecológicos de vida e de relação interpessoal.

Em relação à *"responsabilidade pessoal e social associável aos alunos e às famílias"* , frequentemente a informação é insuficiente para promover a adopção de um tipo de relação interpessoal e de gestão de conflitos sem recurso à violência e preconizam-se por isso abordagens educacionais focadas no desenvolvimento de competências de vida com intuito de ajudar os alunos (e famílias) simultaneamente em tarefas de aquisição de competências, de gestão das emoções, de autonomização e de desenvolvimento de relações maduras e de integridade pessoal sem recurso à violência mas sabendo na medida do possível lidar com situações de confronto e conflito interpessoal (Matos, 2005, 2009; Smalley, Wittler, & Oliverson, 2004; Botvin & Griffin, 2004; Danish, Fazio, & Nellen, 2002). A

ênfase deve ser colocada nas percepções de competências de identificação e gestão de conflitos e emoções, de comunicação interpessoal, de afirmação não violenta de si, de autonomia e de auto-eficácia (Calmeiro & Matos, 2005; Matos, 2005; Matos & Sampaio, 2009).

De salientar aqui o trabalho desenvolvido a nível das escolas (GTES, 2005, 2007), onde desde 2005 se preconizou que as questões da violência sejam debatidas com alunos dos 6 aos 15 anos, nas áreas curriculares não disciplinares e transversalmente nos vário *curricula* oficiais, a par de outros temas de saúde. Numa avaliação nacional a nível das escolas (GTES, 2007), verificou-se no entanto que, ao passo que para áreas como o consumo de substâncias, a alimentação/actividade física e a educação para uma sexualidade segura e saudável, as escolas promovem diversas medidas educativas e formativas para alunos, professores, funcionários e mesmo pais, no caso da violência as medidas são mais frequentemente prescritivas tipo "regulamento" de escola, anti-violência, com enunciado de regras e punições para as respectivas infracções. Estas medidas sendo importantes não são todavia suficientes, porquanto se controla o comportamento violento mas não se trabalham as alternativas comportamentais e sócio-cognitivas, no confronto e na gestão dos conflitos interpessoais.

É fundamental a compreensão dos contextos pessoais sociais e escolares em que a violência ocorre (Matos, Simões, Negreiros & Gaspar, 2008; Matos & Gonçalves, 2009) e o presente estudo confirma que factores comportamentais, sociais e ambientais estão associados à prevenção da violência ou seu agravamento (atitude dos professores, zona de habitação, relação com os pais e com os amigos, consumo de substâncias, por exemplo).

Neste estudo pode identificar-se "*escolas onde o envolvimento em situações de violência é maior, e escolas onde é menor*" e estimar a sua frequência a nível nacional. Por outro lado foi possível identificar correlatos pessoais e sociais da pertença a grupos mais ou menos violentos. Num outro estudo (Matos & Maroco, in prep.) utilizando procedimentos estatísticos sofisticados, foi possível caracterizar as próprias escolas do ponto de vista sócio-ambiental.

Todos estes estudos têm como objectivo o estudo da interacção entre variáveis micro e macro associadas à violência interpessoal na escola, de modo a tornar a prevenção da violência interpessoal nas escolas uma "cultura escolar" sustentada.

A escola surge sempre como um ambiente privilegiado para a implementação de programas de saúde (incluindo a prevenção da violência entre pares), em especial quando as intervenções enfatizam igualmente, o papel dos pares e da família.

REFERÊNCIAS

Brooks, J. (2006). Strengthening resilience in children and youths: maximizing opportunities through the school. *Children & Schools, 28,* 2, 69-76.

Botvin, G.J., & Griffin, K.W. (2004). Life skills training: Empirical findings and future directions. *The Journal of Primary Prevention,* 25(2), 221-232.

Calmeiro, L. & Matos, M. (2005). *Psicologia do Exercício e da Saúde*. Lisboa: Visão & Contextos.

Currie, Samdal, Boyce, & Smith, 2004. (2004). *Young people's health in context*. Health Behaviour in School-aged Children (HBSC) study: international report from the 2001/2002 survey. *Health Policy for Children and Adolescents*, No. 4

Danish, S., Fazio, R., Nellen, V. et al. (2002). Teaching Life skills through sport: Community-based programs to enhance adolescent development (pp.269-288). In Van Raalt & Brewer (Eds.). *Exploring Sport and Exercise Psychology*. Second Edition. Washington, DC: APA.

Frydenberg, E. (2008). *Adolescent Coping.* New York: Psychology Press GTES (2005). *Relatório de Preliminar, do Grupo de Trabalho para a Educação Sexual*, constituído a partir do Despacho n.º 19 737/2005, do Gabinete da Ministra de Educação: Lisboa. Consultado em Julho, 13, 2009 através da fonte http://www.dgidc.min-edu.pt/EducacaoSexual

GTES (2007). *Relatório Final, do Grupo de Trabalho para a Educação Sexual*, constituído a partir do Despacho nº 19 737/2005, do Gabinete da Ministra de Educação: Lisboa. Consultado em Julho, 13, 2009 através da fonte http://www.dgidc.min-edu.pt/EducacaoSexual

Kawachi, I., Kennedy, B. P., & Glass, R. (1999) Social capital and self-rated health: a contextual analysis. *American Journal of Public Health*, 89(8):1187–1193.

Mash, E. (2006). Treatment of child and family disturbance: A cognitive-behavioural systems perspective. In E. Mash & R. Barkley (Eds.) *Treatment of Childhood Disorders*. 3-64. New York: The Guilford Press

Matos, M.G. & Maroco, J. (in prep) Can schools make a difference? (titulo provisório)

Matos, M.G. (2009) Competências pessoais e sociais na prevenção do risco em crianças e adolescentes. In C. Araújo (Ed.). As habilidades sociais e a qualidade das relações interpessoais: pesquisa, teoria e prática. *Anais do II seminário internacional de habilidades sociais*, Rio de Janeiro: UFRJ

Matos, M.G. & Gonçalves, S. (2009) Bullying nas escolas: Comportamentos e percepções, *Psicologia Saúde e Doenças*, vol10 (1) pp 3-16

Matos, M.G. & Sampaio, D. (2009). *Jovens com saúde: Diálogos com uma geração*; Lisboa: Texto Editores.

Matos, M.G. (2008) *Consumo de substâncias: estilo de vida ou à procura de um estilo*: Lisboa: IDT

Matos, M. G., Negreiros, J., Simões, C., & Gaspar, T. (2009). Definição do Problema e caracterização fenómeno. In H. C. Filho & C. Ferreira-Borges (Org.), *Gestão de Problemas de Saúde em Meio Escolar: Violência, Bullying e Delinquência* (Vol. III, pp. 23-53). Lisboa: Coisas de ler

Matos, M. G. (2005). *Comunicação, gestão de conflitos e saúde na escola,* Lisboa: FMH.

Matos, M. G. & Equipa do Projecto Aventura Social e Saúde (2000). A *Saúde dos Adolescentes Portugueses*. Lisboa: FMH

MATOS, M.G., Equipa do Projecto Aventura Social e Saúde (2003). *A saúde dos adolescentes portugueses – Quatro anos depois* [Portuguese adolescents health – four years later]. Lisboa: Edições Faculdade de Motricidade Humana.

MATOS, M.; GASPAR, T. & Equipa do Aventura Social (2006). *Qualidade de Vida em Crianças e Adolescentes: Projecto Europeu KIDSCREEN, Relatório do Estudo Português KIDSCREEN 2006.* Website: www.fmh.utl.pt/aventurasocial; www.aventurasocial.com

MATOS, M.G., BAPTISTA, M. I., SIMÕES, C., GASPAR, T., SAMPAIO, D., DINIZ, J. A., GOULÃO, J., MOTA, J., BARROS, H., BOAVIDA, J. & SARDINHA, L. (2008). Portugal: from research to practice – promoting positive health for adolescents in schools. In *Social cohesion for mental well--being among adolescents*. WHO/HBSC FORUM 2007.

MORGAN, A. (2007). Frameworks for improving young people's mental well being: Assets and deficits models. WHO/HBSC Forum: *Social Cohesion and Mental Health*, 2007: Las Palmas, March 2007.

OLWEUS, D. (2003) A profile of bullying at school. *Educational Leadership,* 60 (6), 12-17

POORTINGA W. (2006) Social relations or social capital? Individual and community health effects of bonding social capital. *Social Science & Medicine*, 63:255–270.

PUTNAM, R. (1993). The prosperous community: Social capital and community life. *American Prospect,* 35, 42.

ROTH, J., & BROOKS-GUNN, J. (2000). What do adolescents need for healthy development? Implications for youth policy. *Social Policy Report*, 14(1), 3-19.

SALMIVALLI, C. (2001) Group view on victimization: empirical findings and their implications. In J.Juvonen & S. Graham (eds) *Peer harassment in school. The plight of the vulnerable and victimized* (pp.398-420) Guilford: NY

SIMÕES, C & CARVALHO, M. (2009) A violência entre pares, in M.G. MATOS, & D, SAMPAIO D. org (2009) *Jovens com saúde: diálogo com uma geração. pp 97-116* Lisboa: Texto/Leya

SMALLEY, S.E., WITTLER, R.R, & OLIVERSON, R. (2004). Adolescent Assessment of Cardiovascular Heart Disease Risk Factor Attitudes and Habits. *Journal of Adolescent Health,* 35, 374--379.